

A INVENÇÃO DO LAZER NOS PRIMÓRDIOS DA EUROPA MODERNA¹

Recebido em: 10/02/2021

Aprovado em: 15/05/2021

Licença: 

Peter Burke
Emmanuel College
Cambridge – Reino Unido

Tradução:
Rafael Fortes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Em 1994, o Sétimo Congresso *Past and Present* se dedicou ao trabalho e ao lazer (THOMAS, 1964).² Cerca de trinta anos depois, pode ser oportuno retornar ao tema e olhar o que aconteceu nesse intervalo. Como seria de se esperar à época, o congresso dedicou a maior parte da atenção ao tema do trabalho.³ Em 1994, por outro lado, a 26ª. Semana de Estudos em História Econômica, organizada pelo Instituto Datini em Prato, escolheu “lazer” ou “tempo livre” como tema, portando exemplificando a virada recente em direção ao consumo por parte dos historiadores econômicos, uma virada que levou-os a estender suas fronteiras na direção da história social e cultural.

Nos últimos vinte anos, aproximadamente, historiadores sociais da Europa nos séculos XIX e XX têm realizado um volume razoável de pesquisa sobre lazer e esporte, concentrando-se no período iniciado em 1850.⁴ Os colegas deles na Sociologia se movimentaram na mesma direção. A sociologia do lazer era uma subdisciplina em

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *The Invention of Leisure in Early Modern Europe, Past and Present*, n. 146, p. 136-150, 1995.

² Cf. também a discussão que se seguiu, *idem*, p. 63-6.

³ Cf. os comentários sobre lazer de Beryl Smalley, Lawrence Stone e outros na discussão que se segue ao artigo de Thomas (1964, p. 65-6).

⁴ Para a Grã-Bretanha, ver Malcolmson (1973), Jones (1983), Bailey (1978) Walvin (1978), McKibbin (1979, 1983), Cunningham (1980), Mangan (1981, 1986), Mandell (1984), Hargreaves (1986). Para um panorama, ver Bailey (1989).

expansão já nos anos 1950 e Norbert Elias dedicou um livro à sociologia do esporte (LARRABEE e MEYERSON, 1958; ELIAS e DUNNING, 1986). Como é comum na história do conhecimento acadêmico, uma dimensão do território de pesquisa foi marcada pelo estabelecimento de novos periódicos – revistas interdisciplinares como *Leisure Studies* e *Journal of Leisure Research*, revistas históricas como *Sozialgeschichte des Sports* e *International Journal for the History of Sport*.

Implicitamente ou explicitamente, a maior parte dos trabalhos recentes tem se baseado em uma hipótese central: a de que existe uma descontinuidade fundamental ou uma grande divisão entre as sociedades pré-industrial e industrial (DUMAZEDIER, 1967). Segundo esta visão, na Europa Medieval e dos primórdios da Época Moderna, assim como noutras sociedades pré-industriais, a ideia moderna de lazer não estava presente (VERDON, 1980, p. 9). A distinção moderna entre as ideias de trabalho e lazer, tal qual a alternância constante de trabalho e lazer, era um produto do capitalismo industrial. Sociedades pré-industriais tinham festivais (juntamente com intervalos informais e irregulares no trabalho), enquanto sociedades industriais têm lazer, fins de semana e férias. A emergência do lazer é, portanto, parte do processo de modernização (MARRUS, 1974). Em outras palavras, a história do lazer é descontínua. Se esta teoria está correta, existe o que Michel Foucault (1970) gostava de chamar uma quebra conceitual ou “ruptura” entre os dois períodos, e, portanto, a própria ideia de uma história do lazer antes da revolução industrial é um anacronismo (p. xxii).

De fato, é difícil aceitar a ideia de uma história contínua do lazer, regressando até a Idade Média ou o mundo clássico de jogos e circos (ANDRÉ, 1962).⁵ Isto não é, evidentemente, para negar que os europeus do fim do medievo e do início do período moderno se engajavam em muitas iniciativas que nós descreveríamos como lazer ou

⁵ Espera-se que a tese iluminadora de J.P. Toner (1993) seja publicada em breve.

mesmo como atividades esportivas – justa, caça, tênis, jogos de cartas, viagens, contar piadas etc. Não se trata de negar que a Europa neste período era dominada pelo que Thorstein Veblen (1899) chamou de uma “classe ociosa” ou que os trabalhadores frequentemente escolhessem praticar o que os economistas agora descrevem como “preferências de lazer”. O ponto é simplesmente que esses conceitos não estavam disponíveis no período em estudo, e, de forma mais ampla, que caça apostas e outros não eram vistos à época como parte de uma categoria ou bloco chamado “lazer”.

Este ponto não é trivial, pois afeta o significado das ações individuais e coletivas que estamos preocupados em estudar. Tomemos o exemplo do futebol. Se pudéssemos visitar a Florença do século XVII na terça-feira de Carnaval e nos dirigir até a Piazza Santa Croce, poderíamos encontrar um jogo de futebol em andamento. Contudo, o jogo fazia parte de um conjunto de rituais muito diferente daqueles do século XX. “As duas facções do Calcio, a Vermelha e a Verde”, relatou um visitante inglês, “escolhem, cada uma delas, um Príncipe. Os dois príncipes travam uma batalha no Calcio.” A disputa só podia acontecer depois que embaixadores fossem enviados e a “guerra”, proclamada (LASSELS, 1670).⁶ Esta forma de *cálcio* parece ter mais em comum com os jogos de bola ritualizados praticados por cortesãos japoneses do século XIV ou pelos maias pré-colombianos do que com o mundo contemporâneo de Pelé, Gazza ou Maradona.

Ou tomemos o caso da esgrima, assunto sobre o qual vários tratados foram escritos no século XVI. Para nós, pode ser um “esporte”, mas para os cavaleiros do Renascimento era uma arte séria ou ciência (AGRIPPA, 1553). Inversamente, atividades que nós podemos considerar sérias, notadamente a guerra, não raro eram descritas como formas de *passatemps*,⁷ por exemplo, por escritores – e guerreiros – franceses do século XVI como Monluc e Brantôme (JOUANNA, 1977).

⁶ Sobre o *cálcio* como diversão, ritual e treinamento para a guerra, ver Bredekamp (1993).

⁷ *Passatempos* – em francês no original (nota do tradutor - NT).

O maior perigo que se apresenta aos historiadores de nosso tópico seguramente é presumir tal continuidade e trabalhar com os conceitos modernos de esporte e lazer, projetando-os no passado sem questionar a respeito dos significados que os contemporâneos davam para suas atividades. Contudo, a tese da descontinuidade tampouco é satisfatória. Os historiadores que sustentam esta visão tentam evitar anacronismos por meio de uma dicotomia simples, cortando a história da Europa em duas fatias, pré-industrial e industrial. Infelizmente, a oposição binária entre o que se poderia chamar de uma “cultura de festival” e uma “cultura de lazer”, como muitas dicotomias e polarizações, é tão enganosa quanto é conveniente.

A dicotomia permanece útil, contudo, na medida em que nos recorda que a ascensão do capitalismo industrial não foi puramente um fenômeno da história econômica, mas teve pré-condições e consequências sociais e culturais. Não obstante, o preço de trabalhar com a dicotomia é alto, no sentido de que ela reduz uma grande variedade de ideias, presunções e práticas da Europa do período medieval e do início da idade moderna a uma fórmula simples, “cultura de festival”. O que segue é uma tentativa de acrescentar alguns dos necessários matizes a esta fórmula.

Em reflexões deste tipo, é impossível evitar a história das palavras, ou melhor, a história de conjuntos de palavras, já que não faz sentido estudar a ascensão do conceito de lazer sem examinar também as ideias cambiantes de trabalho e de tempo. Também precisamos seguir o exemplo de Lucien Febvre (1942) e prestar atenção às ausências, às “*motsquimanquent*”⁸ (p. 385; GOTTLIEB, 1982, p. 355).

Na Europa Medieval e dos primórdios da Época Moderna, o conceito de “lazer”, em seu sentido moderno, não existia. A palavra “lazer” [*leisure*] em inglês, como *loisir* em francês, muitas vezes significava “oportunidade” ou “ocasião”. Tampouco o termo

⁸ “Palavras que faltam”, em francês no original (NT).

“esporte” existia em seu sentido moderno preciso. Foi na Inglaterra, no início do século XIX, que primeiro vemos surgir a ideia de um “mundo esportivo” que incluía caça, corrida, tiro ao alvo, pesca, críquete, caminhada e boxe. O crescimento de um jargão esportivo por volta desse período é outro indicador da organização crescente deste domínio sócio-cultural (EGAN, 1820). De forma similar, o termo *losport* adentrou o italiano no final do século XIX – a despeito da existência de uma palavra em italiano perfeitamente adequada com a mesma raiz, *diporto* – para se referir a um novo fenômeno, jogos que eram profissionalizados e também competitivos (JACOMUZZI, 1973).

Apesar destas ausências no vocabulário nos primórdios da Europa Moderna, não faltavam termos opostos a “trabalho”. Pelo contrário, havia uma verdadeira abundância deles. Em latim, o termo *otium*, parte da oposição complementar entre *otium* e *negotium*, *vita contemplativa* e *vita activa*, que substituiu o contraste bastante distinto de Aristóteles entre a vida teórica e a prática, foi definido pelos romanos, redefinido pelos Pais da Igreja e transformado por monges medievais para fazer parte de seu vocabulário de contemplação, antes que a palavra fosse revivida e adaptada uma vez mais pelos humanistas do Renascimento. Para os romanos, *otium* era o oposto complementar de atividade política ou *negotium*, associada em particular com a saída sazonal das classes altas da cidade para as vilas.⁹ Para Tertuliano e Jerônimo, por outro lado, *otium* era um termo pejorativo, mais ou menos “ócio”, embora Agostinho e Ambrósio demonstrassem menos hostilidade. Para os monges medievais, ele se referia à atividade essencial deles, meditação religiosa, enquanto para os humanistas ele denotava a vida de estudo como oposta ao “negócio” do comércio e da política (LECLERCQ, 1963; VICKERS, 1985a). Também o termo *vacatio*, originalmente usado para descrever

⁹ O autor usa aqui *country villas* e, no restante do artigo, *villas*. O dicionário *Houaiss* apresenta como uma das definições de vila “casa de campo ou de recreação nos arrabaldes das cidades italianas”, precisamente o sentido em que Burke utiliza *villa* (NT).

um estado da mente, por volta do século XV era aplicado a instituições no caso de suspensão de atividades ou “férias” da corte de Roma, das cortes judiciárias, das escolas de Direito, e, é claro, das universidades.¹⁰ Em Oxford e Cambridge, o termo “férias extensas” já estava em uso no século XVII.

Voltemo-nos para os vernáculos. Em italiano, a clássica oposição entre *ozio* e *negozio* foi tomada do latim, mas, no século XVI, *ozio* tinha alternativas, cada uma com significados e associações especiais: *festa*, *giuoco*, *passatempo*, *solazzo*, *spasso*, *diporto*, *trattenimento*, *ricreazione*.¹¹ Tomemos o caso de *ricreazione*, por exemplo. Ela significava “recriação”,¹² no sentido literal de renovação, fosse física, mental ou espiritual. Um escritor italiano do século XVI recomendou jogos de bola para o propósito de *ricreazione*, mas outro indicou visitar relíquias ou observar o mar. No século XVII, um estudo zoológico apareceu sob o título *Recreação do Olho e da Mente por meio da Observação de Caracóis* (BONANNI, 1681).

Em francês, *négoce* (um termo que, diferentemente de *negozio*, limitava-se ao comércio) não tinha um oposto complementar, mas nos séculos XVI e XVII termos para não-trabalho incluíam *divertissement*, *fête*, *jeu*, *loisirs*, *menus-plaisirs*, *passetemps*, *oisiveté*, *recreation* (DUMONCEAUX, 1971). Como no italiano, a última palavra era usada de forma ampla o suficiente para incluir certos tipos de estudo, como no caso de *Récréations mathématiques*, de Heinrich van Etten (1624).

Em inglês, o termo mais próximo do clássico *otium* foi “tranquilidade” [*ease*], no sentido estrito de “repouso” ou “inércia” (VICKERS, 1985b). Alternativas incluíam “entretenimento”, “banquete”, “festival”, “jogo”, “feriado”, “passatempo”, “brincar”, “recreação”, “festividades” e “esporte” ou “desporto” (um termo com sentido geral

¹⁰ Sobre o sentido original de *vacatio*, ver Leclercq (1963, p. 42-9).

¹¹ Sobre línguas românicas, ver Schalk (1985).

¹² Em inglês, uma única palavra – *recreation* – abrange os sentidos distintos de *recriação* e *recreação* em português (NT).

bastante vago à época). Também havia “aposentadoria”, uma palavra que costumava ter associações espaciais tanto quanto temporais, referindo-se à retirada da cidade para o campo, assim como à retirada de uma ocupação (um significado registrado em 1648). Quanto ao termo “lazer”, era empregado apenas ocasionalmente em qualquer sentido preciso. Como os economistas modernos que discutem a “preferência de lazer”, o diplomata inglês Sir William Temple comentou em 1672 que “onde a ambição e a avareza não conseguiram entrar, o desejo de lazer é muito mais natural que o de negócios e cuidado” (1680-1701, p. 52).

Seria uma tarefa infundável e fascinante estender a investigação a outros idiomas. Alguns estudos valiosos neste tópico foram publicados, notadamente o livro de Wolfgang Nahrstedt (1972) sobre a ascensão da ideia de “tempo livre” ou *Freizeit* na Hamburgo do século XVIII,¹³ mas muito trabalho permanece por fazer. É, portanto, mais útil deixar de lado o levantamento geral neste ponto e, em vez disso, focar em um conceito central ou “palavra-chave” (WILLIAMS, 1976), tentando identificar suas associações contemporâneas.

O conceito é “passatempo” e sua principal associação era com tentativas de evitar o tédio. Quando Friedrich Nietzsche (1976, p. 94) e Lucien Febvre (1973, p. 24) compilaram suas famosas listas de tópicos importantes cujas histórias não haviam sido escritas – amor, ódio, medo etc. –, ambos omitiram um grande tema, o do tédio, *lanoia*, *l’ennui*. Mas o tédio tem, sim, uma história, no sentido de que as ocasiões de tédio e também o que poderia ser chamado de “porteira do tédio” estão sujeitos a mudar ao longo do tempo. É provável que o tédio tenha sido sentido de forma mais aguda nos primórdios da Época Moderna do que o seja hoje em dia, ao menos entre as classes ociosas.

¹³ Cf. Schalk (1985, p. 225-7).

A evidência para esta afirmação vem em parte de textos, incluindo clássicos como o *Decamerão*, de Boccaccio, e *O Cortesão*, de Castiglione, nos quais a estrutura inclui um grupo de homens e mulheres ansiosos para encontrar alguma forma de passar o tempo. Vem também da história da língua, notadamente da palavra “passatempo”. Em francês, *passetemps* foi uma palavra cunhada no século XV e argumentou-se que a nova palavra expressava uma nova presunção, “de que o tempo era uma substância à qual se poderia dar forma organizada pela vontade humana” (GLASSER, 1972, p. 150). Em inglês, a palavra “passatempo” é registrada pela primeira vez em 1490.¹⁴ Por volta da mesma época, na corte de Isabella d’Este, um contemporâneo descreveu os jogos de Carnaval como um meio “para passar o tempo” (“*per passare il tempo*”, FRATI, 1898, p. 352). Não devemos, só por isso, começar a invejar os membros da classe ociosa. Montaigne (1992[1588]) comentou que o termo em francês *passetemps* implicava que o tempo era “algo irritante e desprezível” (“*chose de qualité ennuyeuse et dédaignable*”, p. 848). De forma semelhante, o novelista e magistrado inglês Henry Fielding (1988[1751]) observou, próximo ao fim de nosso período: “Para a parte de cima da humanidade, o tempo é um inimigo, e (...) seu principal trabalho é matá-lo” (p. 84).

Como os historiadores da intelectualidade constantemente lembram aos colegas, é perigoso arrancar termos como estes de seus contextos sociais ou dos “discursos” de que eles fazem parte. No caso de passatempos e recreações, é necessário distinguir ao menos quatro “discursos” diferentes, seja quando são encontrados separadamente em diferentes tratados ou quando aparecem combinados em um único texto.

Em primeiro lugar, havia um discurso educacional. Tratados sobre o treinamento de crianças, ou livros sobre o cortesão, o nobre ou a dona-de-casa ideal e afins, geralmente têm algo a dizer (segundo escritores clássicos como Plutarco) sobre o lugar

¹⁴ *Oxford English Dictionary (O.E.D.)*, verbete “*pastime (sb.)*”, 1.

da recreação no processo educacional. Sir Thomas Elyot (1962[1531]), em seu *Book Named the Governor*, preocupado com o treinamento do cavaleiro inglês, enfatizou a importância da “recreação após compromissos entediantes ou cansativos” e recomendou “passatempos” como arco e flecha, falconismo e dança. *Honnête homme*, de Nicolas Faret (1925[1630]) – uma adaptação de *Cortesão*, de Castiglione para os círculos nobres na França do XVII – mencionava dança, natação e o *jeu de paulme* como “passatempos” honoráveis (p. 17).

Em segundo lugar, havia um debate político e legal sobre os usos da recreação. Um dos mais famosos exemplos de tal debate teve lugar na Inglaterra do século XVII, mobilizando Ben Jonson, Milton e Marvell, entre outros, na defesa de passatempos e feriados tradicionais, que estavam ameaçados por uma combinação de razões econômicas e religiosas (MARCUS, 1986).

Em terceiro lugar, havia um discurso moral-teológico, católico ou protestante, que ia do *Tratado Del juego* (1559) do franciscano espanhol Francisco de Alcoçer, à *Anatomy of Abuses* (1583) do puritano elizabetano Philip Stubbes. Esses escritores eram prioritariamente negativos em seus objetivos, estando preocupados: em proibir passatempos ou, ao menos, mantê-los dentro de limites estritos; em distinguir recreações que eram “legais” e “úteis” daquelas que não o eram; em assegurar, por exemplo, que o Carnaval não invadisse o espaço da Quaresma ou que as danças não conduzissem a atividade sexual ilícita. Na Itália da Contrarreforma, houve até conversas sobre compilar um Índice de Jogos Proibidos (BARGAGLI, 1572, p. 52).

Enquanto a maioria das pessoas falava de “passar” o tempo, os reformadores pensavam em termos de desperdiçá-lo. Jogos eram por vezes rejeitados, como no caso do comerciante do século XVII, William Martyn (1612), que desprezou o carteador como uma “perda de tempo” (p. 92-3). Havia também discussões sobre “ócio” como um

pecado ou uma ocasião de pecado, às quais alguns escritores responderam distinguindo tipos de ócio, como *ozio vile* e *ozio onesto*. *Oziovile* podia despertar maldades, mas *ozio onesto* era justificável por várias razões (GUAZZO, 1574, p. 172-3). Na verdade, atividades que podemos definir como trabalho, – pintura, por exemplo – eram às vezes apresentadas como passatempos (a título de exemplo, por Giorgio Vasari, nos casos de Beccafumi e Bronzino), de forma a justificar a reivindicação, pelos artistas, do status nobre (WARNKE, 1993, p. 167).

Ozio onesto também era recomendado por razões de saúde. Isso nos traz, em quarto lugar, a um discurso médico que, ao contrário daquele dos moralistas, fixava-se nos atributos positivos dos passatempos, e na necessidade psicológica de relaxamento. O corpo é às vezes comparado a um arco, que não pode estar todo o tempo em um estado de tensão (ATANAGI, 1561).¹⁵ Existe, portanto uma necessidade de algum tipo de “refresco”, que poderia ser obtido por meio do sono ou de jogos e outras recreações, incluindo música (COLLURAFFI, 1633, p. 200-6). Não seria de se esperar ver o tênis elogiado por sua contribuição à *tranquillità dell’animo*, mas foi exatamente isso que um escritor italiano do século XVI fez, acrescentando que ele é “benéfico especialmente na purificação dos espíritos por meio dos quais a alma realiza todas as suas funções” (SCAINO, 1555, p. 1). A necessidade de afastar a melancolia, *iscacciar malinconia*, é outro tema médico recorrente (BARGAGLI, 1587, p. 7).

Esses tratados, junto com outros tipos de evidência, oferecem alguma base para uma reconstrução das mudanças nas posturas no longo prazo. Eu gostaria de sugerir, então, que atividades de lazer de diferentes tipos, fossem para crianças ou adultos, homens ou mulheres, vieram a ser encaradas como menos e menos marginais do fim da Idade Média em diante. É por este motivo que o título deste artigo se refere à invenção

¹⁵ Sobre a imagem do arco, cf. São Francisco de Sales (1948[1609], p. 249-50).

do lazer no período, empregando o termo “invenção” não para implicar que a mudança foi súbita, pois não foi, mas para enfatizar o papel da agência humana no processo.

Os próximos sete pontos são elencados em apoio a esta tentativa de produzir uma alternativa para ambas as histórias – contínua e descontínua – do lazer, sete hipóteses que serão sem dúvida testadas, qualificadas ou rejeitadas nos próximos anos de pesquisa.

(1) Guias de conduta de vários tipos devotaram crescente atenção ao tema da recreação e também escreveram sobre ela com crescente simpatia. Os exemplos máximos desta tendência vêm das Utopias, de Morus a Campanella, sociedades ideais nas quais os habitantes trabalham por apenas quatro ou seis horas por dia, de forma que as atividades de lazer são ocupações diárias para adultos tanto quanto para crianças. Mesmo moralistas fizeram parte da tendência. Pedro de Covarrubias (1543), por exemplo, defendeu os jogos como necessários para “alívio, e relaxamento do tormento e da fadiga do espírito” (“*lareleuacion [y] aliuiio: y descanso de lavexacion y fatiga Del spiritu*”) antes de proceder para alertas específicos. São Francisco de Sales defendeu um amplo leque de passatempos como bons em si mesmos, entre os quais tênis, argolinha, xadrez e damas. Livros sobre educação, dos quais *Alguns pensamentos sobre a educação*, de John Locke (1693) é um exemplo clássico, argumentaram que as crianças precisam de recreação e até, ocasionalmente, que o processo de aprendizagem deveria ser feito o máximo possível como um jogo. De forma similar, tratados sobre a conduta das senhoras, como *Avis d'une mère*, de Anne-Thérèse Lambert (1728), mudam suas ênfases de piedade e administração do lar para conversas e outros passatempos.

(2) Tratados sobre tipos particulares de recreação, usualmente livros de “como fazer”, multiplicaram-se nos primórdios do período moderno. O Renascimento Italiano foi um claro exemplo da tendência. Os livros sobre atividades ao ar livre, como o

tratado sobre *Il giuoco della palla*, de Antonio Scaino (1555), são relativamente bem conhecidos (embora possa ser útil registrar a afirmação de Scaino de que, na sua época, garotas jogavam futebol em Udine) (p. 2). O que merece ser enfatizado aqui é a proliferação de tratados sobre o que chamamos de jogos de salão, incluindo o *Libro della ventura*, de Lorenzo Spirto (1476), que utilizava dados para selecionar profecias; *Triumphodi Fortuna* (1527), de Sigismondo Fonti, que ofereceu respostas para 72 questões por meio de uma progressão através de *fortune, case, rote, sphere* e *astrologi*; *Le Sorti*, de Francesco Marcolini (1540), que usou cartas para selecionar as respostas para perguntas; e o enciclopédico *Cento giochiliberati*, de Innocentio Ringhieri (1550). Os tratados parecem ter transformado o tradicional *veglie* em italiano, ou noites de recreação, fosse para mulheres sozinhas ou para companhias mistas, associadas em particular com os festejos de Todos os Santos (CRANE, 1920). A multiplicação de tratados impressos também deu nova respeitabilidade a este tipo de passatempo. Os historiadores, da mesma forma, estavam começando a pensar que as recreações eram dignas de estudo. Já no princípio do século XVII, a tentativa coletiva de humanistas do Renascimento de reconstruir a cultura clássica havia produzido um feixe internacional de tratados sobre a história da ginástica, dos jogos gregos e dos circos romanos, enquanto um humanista espanhol, Rodrigo Caro, publicou um diálogo comparando atividades e festivais antigos e modernos (MERCURIALE, 1569; BOULENGER, 1598; PANVINIO, 1600; MEURSIUS, 1622; CARO, 1978[1626]). Quando se chega ao século XVIII, histórias de passatempos pós-clássicos estavam começando a aparecer, incluindo *Antiguidades Populares*, de Henry Bourne (1725) e o ensaio sobre a história dos jogos públicos publicado por Ludovico Muratori (1751) em seu *Sissertazioni sopra la antichità italiane*.

(3) A evidência de pinturas, como a multiplicação de tratados sobre recreações, sugere que as atividades de lazer tornaram-se mais visíveis, ou mais respeitáveis, ou alcançaram um patamar em que atraíam mais interesse no curso dos séculos XVII e XVIII: observem-se as pinturas de Michelangelo da Caravaggio, Georges La Tour, Frans Hals, Pieter de Hoogh, Adriaen van Ostade, David Teniers ou Jean Antoine Watteau representando pessoas fumando, bebendo, dançando, jogando gamão, cartas ou dados etc. Pinturas anteriores às vezes incluíam figuras deste tipo, como os soldados romanos na Crucificação e na Ressureição, mas cenas de relaxamento agora haviam se tornado um gênero independente. Não é fácil utilizar essas evidências pictóricas, pois o crescimento de novos gêneros depende tanto de tendências internas à história da arte quanto da mudança social em geral. De qualquer forma, em geral é difícil descobrir onde as pinturas foram originalmente exibidas (em casas privadas? Tavernas? Bordéis?) e para quem foram originalmente produzidas. Portanto, não podemos dizer que os passatempos que elas ilustram eram associados com “nós” ou “eles”, o grupo social do proprietário ou outra (presumivelmente inferior) classe. Por mais difícil que seja interpretá-la, contudo, esta evidência é importante demais para ser ignorada. Simon Schama (1987) explorou-a com habilidade para investigar posturas frente à infância e para especular o sentido de identidade nacional na República Holandesa, mas ela também pode ser usada para reconstruir as mudanças nas posturas em relação ao lazer adulto na Europa.

(4) Um sentido de lazer como um período estendido pode ser encontrado com frequência cada vez maior entre as classes altas, particularmente as classes altas urbanas, que desenvolveram o hábito de passar os meses de verão no campo. O hábito italiano da *villeggiatura* – fosse ele visto como um *revival* do Renascimento ou como uma simples sobrevivência de um hábito dos romanos antigos – espalhou-se pelas elites

de outras partes da Europa, de Amsterdã a Londres (BURKE, 1994). A vila foi mais e mais sendo vista como local para atividades de lazer, especialmente no verão. O escritor do século XVII Adriano Banchieri (1622), por exemplo, descreveu um de seus livros, *Discorso per fuggirl'ozio estivo*, como um meio de escapar ao ócio do verão. Os próprios nomes de algumas *villas* carregavam mensagem similar. “Evite o tédio”, *Schifanoia*, era o nome da famosa *villa* da família Este, nos arredores de Ferrara. “Repouso” era o nome da *villa* imaginária na qual Raffaele Borghini situou seu diálogo *Il riposo* (1584). De forma similar, os nomes das casas de campo de patrícios de Amsterdã no século XVII incluíam “Passar o Tempo”, *Tijdverdrijf* (propriedade de Nicolaes Witsen) e “Sem Cuidado”, *Buitensorg* (propriedade de Willem Backer), antecipando *Sanssouci*, de Frederico, o Grande (COFFIN, 1979).

(5) Passatempos organizados não estavam restritos ao campo. A sugestão de que a ascensão das academias nas cidades italianas nos séculos XVI e XVII deveria ser vista como uma nova forma de lazer ou mesmo de brincadeira está nos próprios nomes de alguns destes clubes de discussão das classes altas, incluindo os “Ociosos” (*Oziosi*) e os “Desempregados” (*Sfaccendati*) (MAYLENDER, 1926-1930 a e b). Já no século XVII, guias das principais cidades, fossem compilados por viajantes ou nativos, começaram a listar as principais recreações e suas localizações. No caso de Londres, a localização de áreas de lazer do século XVIII como os Jardins de Vauxhall eram bastante conhecidas. No caso de Paris, *Livre commode*, de Nicolas de Blegny (1878[1692]) trazia aos leitores informação sobre o que o autor chamava “*passetemps et menus-plaisirs*”, do teatro no Palais-Royal ao *jeux de paume* em Faubourg-St-Germain (o local de carteados, bilhar e jogos com bola). Blegny incluiu conselhos sobre os melhores lugares para comprar tabuleiros de xadrez, máscaras de carnaval e até animais de estimação (p. 269-75). Uma geração depois, o alemão J. C. Nemeitz (1727) apresentou um guia similar para

visitantes estrangeiros, estivessem eles interessados em apostas, conversas, caminhadas, dança ou bilhar (minimizado pelo autor como “o passatempo daqueles que não têm nada para fazer”, “*Le passetemps de ceux qui n'ont rien à faire*”, p. 114-5). Mais para o fim do século XVIII, os parisienses podiam comprar um equivalente de *Time Out*, intitulado *Almanach des Loisirs*.

(6) Os cinco pontos ressaltados até aqui se preocupam principalmente com o lazer das elites, sobretudo os homens das elites. Todavia, existe também evidência de uma gradual ascensão de um sentido de tempo “livre” entre as pessoas comuns, ao menos em certas cidades relativamente grandes. O estudo de Nahrstedt (1972) sobre a Alemanha entre 1750 e 1850 é exemplar em sua combinação de pesquisa sobre as mudanças nos hábitos sociais em uma cidade em particular, Hamburgo, e um estudo mais geral do idioma, notando a mudança do conceito de *Musse* (mais ou menos “ócio”) para o de *Freizeit*, e comparando o novo conceito de liberdade em três contextos sociais, os da Igreja, do Estado e do lar. Outra forma de descrever a mudança poderia se dar falando-se de uma distinção cada vez mais precisa entre trabalho e lazer, o encolhimento do que nos parece uma área fronteira ou “terra de ninguém” entre os dois domínios. O sentido mais circunscrito de tempo livre estava associado com a rotinização do lazer, a transformação da virada de ponta-cabeça do mundo que ocorria anualmente no Carnaval para doses pequenas, mas regulares, de recreação diária ou semanal. Essa mudança foi em parte o resultado da crescente comercialização do lazer, que se desenvolveu nessa incipiente “sociedade do consumo”, mas ela [a mudança] também estimulou o avanço da comercialização (PLUMB, 1973; MCKENDRICK; BREWER; PLUMB, 1983; SANDGRUBER, 1982).

(7) Pode-se pensar que os numerosos e bem documentados ataques às atividades recreativas por reformadores de vários tipos enfraqueçam a tese da crescente

respeitabilidade da recreação. Contudo, os reformadores não negavam o valor da recreação em geral. O que eles faziam era tentar impor suas ideias de recreação devota, “legal” ou “útil” sobre o restante da população. Historiadores do século XIX já disseram bastante sobre o movimento por “recreação racional”, na qual as classes médias, na Inglaterra e alhures, tentaram desviar as classes trabalhadoras de brigas com ursos,¹⁶ bebida e futebol de rua e encorajar visitas a parques e excursões ao litoral (BAILEY, 1989). Na perspectiva de longo prazo, podemos ver que este movimento em prol da recreação racional desenvolveu-se a partir de uma tradição mais antiga de reforma, associada no mundo de língua inglesa com puritanos e quacres em particular (FISCHER, 1989).

Em síntese, todo um complexo de mudanças no que pode ser descrito, retrospectivamente, como o “sistema de lazer” na Europa, era visível bem antes de 1800. Por conseguinte, é impossível explicar as mudanças em termos apenas da ascensão do capitalismo industrial. Qual é a alternativa?

Por paradoxal que seja, a ascensão do lazer estava ligada ao processo ou processos que Norbert Elias (1978-82) chamou de ascensão da “civilização” e Michel Foucault (1978), de ascensão da “disciplina”. Em alguns aspectos, estes dois teóricos parecem opostos. Elias aprovava a civilização, Foucault escreveu contra a disciplina. Elias enfatizou o autocontrole, Foucault, a imposição da disciplina sobre os outros. Foucault estava preocupado com diferentes tipos de trabalho, fossem realizados em prisões, quartéis, escolas ou fábricas, enquanto Elias tinha interesse especial no não-trabalho, nas cortes, por exemplo, e em atividades como comer e beber. Mesmo assim, os dois teóricos têm em comum a preocupação com a história da regulação e um interesse em nosso período, do século XIII ao XVIII.

¹⁶ A expressão engloba distintos tipos de disputa sangrenta em que cães ou outros animais eram aticados contra ursos acorrentados (NT).

Se formos aceitar a ideia principal que Elias e Foucault compartilham, a ideia de que a sociedade do Ocidente se tornou mais regulada nesse período, então o conceito de lazer ou tempo livre pode ser visto como uma reação a esta tendência. Na “sociedade disciplinar”, até o jogo precisa se sujeitar a regras dizendo quando, onde e a quem é permitido. À medida que o tempo livre foi mais e mais organizado e institucionalizado, as pessoas tornaram-se mais conscientes dele como um domínio separado, em vez de uma pausa entre rodadas de trabalho. À medida que o trabalho se tornou menos prazeroso e as horas de trabalho foram mais bem circunscritas, houve maior necessidade de atividades não-utilitárias que viemos a chamar “lazer”. Neste sentido, devemos nosso conceito de lazer às pessoas que, muito antes da Revolução Industrial, estavam obcecadas em fazer os outros trabalharem.

REFERÊNCIAS

- AGRIPPA, C. **Trattato discientia d'arme**. Venice, 1553.
- ANDRÉ, J.M. **Recherches sur l'otiumromain**. Paris, 1962.
- ATANAGI, D. **Lettere facete**. Venice, 1561.
- BAILEY, P. Leisure, Culture and the Historian. **Leisure Studies**, vol. viii, 1989, p. 107-28.
- _____. **Leisure and Class in Victorian England**. London, 1978.
- BARGAGLI, S. **Dialogo de' giuochi**. Siena, 1572.
- _____. **I trattenimenti**. Venice, 1587.
- BLEGNY, N. de [“A. Pradel”]. **Livre commode**. Paris, 1878[1692].
- BONANNI, F. **Ricreatione dell'occhio e della mente nelle osservationi delle chiocciole**. Rome, 1681.
- BOULENGER, J.C. **De circo romano**. Paris, 1598.
- BOURNE, H. **Antiquitates vulgares**. Newcastle, 1725.
- BREDEKAMP, H. **Florentiner Fussball: Die Renaissance der Spiele**. Frankfurt-on-Main, 1993.

- BURKE, P. **Venice and Amsterdam**. Cambridge, 1994.
- CARO, R. **Dias geniales o ludicros**. Madrid, 1978[1626].
- COFFIN, D. **The Villa in the Life of Renaissance Rome**. Princeton, 1979.
- COLLURAFFI, A. **L'idea Del gentiluomo di republica**. Venice, 1633.
- COVARRUBIAS, P. de. **Remedio de jugadores**. Burgos, 1543[1519].
- CRANE, T.F. **Italian Social Customs**. New Haven, 1920.
- CUNNINGHAM, H. **Leisure in the Industrial Revolution**. London, 1980.
- DUMAZEDIER, J. **Toward a Society of Leisure**. New York, 1967.
- DUMONCEAUX, P. **Essais sur quelques termes-cles du vocabulaire affectif et leurevolu- tionsemantique, 1600-1715**. Lille, 1971.
- EGAN, P. **Sporting Anecdotes**. London, 1820.
- ELIAS, N. **The Civilizing Process**. 2 vols. Oxford, 1978-82.
- _____.; DUNNING, E. **The Quest for Excitement**. Oxford, 1986.
- ELYOT, T. **The Book Named the Governor**. London, 1962[1531].
- FARET, N. **L'honnete homme**. Paris, 1925[1630].
- FEBVRE, L. Sensibility and History: How to Reconstitute the Emotional Life of the Past. *In*: FEBVRE, L. **A New Kind of History and Other Essays**. New York, 1973.
- _____. **Le probleme de l'incroyanceau 16e siecle**. Paris, 1942.
- FIELDING, H. **An Enquiry into the Causes of the Late Increase of Robbers**. Oxford, 1988[1751].
- FISCHER, D.H. **Albion's Seed**. Cambridge, Mass., 1989.
- FOUCAULT, M. **Discipline and Punish**. London, 1978.
- _____. **The Order of Things**. London, 1970.
- FRATI, L. Giuochiedamorialla corte d'Isabella d'Este. **Archivio storico Lombardo**, vol.ix, 1898, p. 350-65.
- GLASSER, R. **Time in French Thought**. Manchester, 1972.
- GOTTLIEB, B. **The Problem of Unbelief in the Sixteenth Century**. Cambridge, Mass., 1982.
- GUAZZO, S. **Civil conversazione**. Brescia, 1574.

HARGREAVES, J. **Sport, Power and Culture: A Social and Historical Analysis of Popular Sports in Britain.** Cambridge, 1986.

JACOMUZZI, S. Gli sport. **Storia d'Italia**, vol. v, pt 1, Turin, 1973, p. 913-35.

JONES, G. Stedman. **Languages of Class: Studies in English Working Class History, 1832-1982.** Cambridge, 1983.

JOUANNA, A. **Ordre social.** Paris, 1977.

LARRABEE, E.; MEYERSON, R. (eds.). **Mass Leisure.** New York, 1958.

LASSELS, R. **The Voyage of Italy.** Paris, 1670.

LECLERCQ, J. **Otiomonastica: etudes sur le vocabulaire de la contemplation au Moyen Age.** Rome, 1963.

MALCOLMSON, R. W. Malcolmson. **Popular Recreations in English Society.** Cambridge, 1973.

MANDELL, R. **Sport: A Cultural History.** London, 1984.

MANGAN, J. **Athleticism in the Victorian and Edwardian Public School.** Cambridge, 1981.

_____. **The Games Ethic and Imperialism.** Harmondsworth, 1986.

MARCUS, L. S. **The Politics of Mirth.** Chicago, 1986.

MARRUS, M. R. **The Emergence of Leisure.** New York, 1974.

MARTYN, W. **Youth's Instruction.** London, 1612.

MAYLENDER, M. Accademia degli Oziosi. In: MAYLENDER, M. **Storia delle accademie d'Italia**, 5 vols. Bologna, 1926-30a, vol. iv, p. 181-95.

_____. Accademia degli Sfaccendati. In: MAYLENDER, M. **Storia delle accademie d'Italia**, 5 vols. Bologna, 1926-30b, vol. v, p. 170-1.

MCKENDRICK, N.; BREWER, J.; PLUMB, J.H. **The Birth of a Consumer Society.** London, 1983.

MCKIBBIN, R. Working-Class Gambling in Britain, 1880-1939. **Past and Present**, n. 82, Feb. 1979, p. 147-78.

_____. Work and Hobbies in Britain, 1880-1950. In: WINTER, Jay (ed.). **The Working Class in Modern British History.** Cambridge, 1983, p. 127-46.

MERCURIALE, G. **De arte gymnastica.** Venice, 1569.

MEURSIUS, J. **Graecia ludibunda.** Lyon, 1622.

MONTAIGNE, M. de. **Essais.** Paris, 1992[1588].

- MURATORI, L. A. Degli spettacoli e giuochi pubblici de' secoli di mezzo. *In*: MURATORI, L.A. **Dissertazioni sopra le antichittditaliane**. 3 vols. Milan, 1751, v. ii, p. 1-32.
- NAHRSTEDT, W. **Die Entstehung der Freizeit**. Göttingen, 1972.
- NEMEITZ, J. C. **Sejour de Paris**. 2nd edn, 2 vols. Leiden, 1727.
- NIETZSCHE, F. **The Portable Nietzsche**. New York, 1976.
- PANVINIO. **De ludis circensibus**. Venice, 1600.
- PLUMB, J. H. **The Commercialisation of Leisure in 18th-Century England**. Reading, 1973.
- SALES, São Francisco de. **Introduction à la vie dévôte**. Paris, 1948[1633].
- SANDGRUBER, R. **Die Anfdnge der Konsumgesellschaft**. Munich, 1982.
- SCAINO, A. **Trattato Del giuoco della palla**. Venice, 1555.
- SCHALK, F. Otium in Romanischen. *In*: VICKERS, B (ed.). **Arbeit, Musse, Meditation**. Zurich, 1985. p. 225-55.
- SCHAMA, S. **The Embarrassment of Riches: An Interpretation of Dutch Culture in the Golden Age**. London, 1987.
- TEMPLE, W. An Essay upon the Original and Nature of Government (1672). *In* TEMPLE, W. **Miscellanea**. 3 vols. London, 1680-1701, i.
- THOMAS, K.V. Work and Leisure in Pre-Industrial Society, **Past and Present**, no. 29 (Dec. 1964), pp. 50-62.
- TONER, J.P. **Leisure and Ancient Rome**. Univ. of Cambridge Ph.D. thesis, 1993.
- VEBLEN, T. **The Theory of the Leisure Class**. New York, 1899.
- VERDON, J. **Les loisirs au Moyen Age**. Paris, 1980.
- VICKERS, B. (ed.). **Arbeit, Musse, Meditation**. Zurich, 1985a.
- _____. Public and Private Life in Seventeenth-Century England. *In*: VICKERS, B. (ed.). **Arbeit, Musse, Meditation**. Zurich, 1985b. p. 257-78.
- WALVIN, J. **Leisure and Society, 1830-1950**. London, 1978.
- WARNKE, M. **The Court Artist**. Cambridge, 1993.
- WILLIAMS, R. **Keywords**. London, 1976.

Endereço do Autor:

Peter Burke

Endereço Eletrônico: upb1000@cam.ac.uk